

AJO 7696

TRIBUNA LIVRE



JÚLIO CEZAR COSTA

Revivendo casos e histórias de Alegre

Volto ao Alegre, cidade jardim, onde cresci descalço pelas ruas de paralelepípedo e pelas belas pracinhas. Não tenho muita constância em visitar a cidade. Pelo menos duas vezes por ano, passo por lá. Agora fui à reinauguração do 3º BPM lá sediado, desde a guerrilha do Caparaó. Foi um ótimo reencontro. Pude lembrar e rir dos "causos" alegrenses, como diria o Boldrin.

Começo pelo anúncio feito pela "A Voz da Cidade". Soube que o Rachid, pioneiro da comunicação local anunciou o seguinte: "supermercado P..., o menor, sempre com o maior preço", e em outro comercial teria dito: "Brad..., o melhor banco do Brasil".

Dei boas risadas, mesmo sabendo que tudo não passava de gozação.

Estive com o octogenário ex-prefeito Ary Fiorezzi, exemplo de homem solidário, que em tempos de anônimos vizinhos, nunca deixou, isto ao longo de várias décadas, de comparecer, sem exceções, aos velórios e enterros.

Não há nenhum "morto" que tenha escapado da funesta relação do senhor Ary.

Relembrei-me do "Taioba", ônibus que ligava a Guararema e a Vila do Sul. O dono do veículo era o João "Russo", descendente italiano.

Relembrei-me dos nomes bizarros, entre eles o Zé Processo, o Rubinho Cantarel, o Charuto, o Gato Lessa, autor do hino da cidade, o Wilson Plof Plof, o Lutfé, dono de um chute tão forte que teria quebrado a mão de um goleiro, o professor Amin, que dançava iê-iê-iê e jogava o apagador em cima dos desatentos.

E também do Nelson Piscapisca, da Filinha Aleixo - comedora dos galos da Rinha, do Navega - Fragoso, do Domingos Bravo, um manso professor autodidata, da Santa Luzia que, sem milagres, fazia a menina correr, do Zé Maria, nosso cientista e inventor, do Ademar Margoso, tranquilo oficial de Justiça, do Pescocinho, do Zezinho, escrivão de polícia que tinha o Diário Oficial grudado debaixo do braço, e da dona Meninota.

Lembrei-me do caso, segundo muitos, verdadeiro, acerca do Zezito Pinheiro que ressuscitou

em pleno velório. À época a catalepsia era desconhecida.

Não passou despercebido o desaparecimento das estudantes Rita Cassa e Delma Oliveira, acontecido durante os anos de chumbo, quando o "Brasil grande" não suportava a diversidade do pensar.

Hilário foi lembrar que nos anos 50 a prevenção policial era remota, apenas com a presença do cabo Lastênio no Jipe da PM de placa DW 473. A moçada corria para casa, inclusive o Ricardo Santos, que depois no final do século XX se tornou senador capixaba.

Embora não alegrense, a cidade tem um conhecidíssimo artista plástico. Trata-se do Mauro Starling, que é professor da Ufes e expositor internacional com a sua arte abstrata.

Outro que passou pelo Alegre e fez história na capital brasileira é o doutor Farany, proprietário da Academia de Tênis de Brasília e um dos pioneiros daquela cidade.

Acho até que a música "a Praça" de Carlos Imperial foi composta a partir das constantes visitas que esse fazia ao seu tio doutor Francisco.

Foram muitas as ocasiões que vi o Carlos Imperial, exorcista do regime militar, pelas ruas do Alegre.

Lembro que o Alegrense foi bicampeão estadual de futebol profissional em apenas dois campeonatos que disputou, e que o Juarez, chef gastronômico, é alegrense da gema.

Alegre é berço de grandes nomes que contribuíram para o desenvolvimento e pujança de nosso Estado. Infelizmente nem todos aqui pude lembrar. Voltarei ao tema.

Júlio Cezar Costa é coronel da PM e professor universitário.

Alegre é berço de grandes nomes que contribuíram para o nosso Estado